



Adaptação: Sueli Maria de Regino

O ALFAIATE VALENTE

Era uma vez um alfaiate que passava os dias costurando diante da janela de sua casinha. Um dia, ouviu passar na rua um homem vendendo geleia de frutas e ficou com água na boca. Comprou um pote, passou bastante geleia, vermelhinha e cheirosa, numa fatia de pão, e deixou sobre a mesa, para comer quando terminasse o trabalho.

Mas a geleia também deu água na boca em algumas moscas, que chegaram voando, zumbindo, e pousaram no lanche do rapaz. Muito aborrecido por ver as moscas pousadas em seu doce, ele gritou:

—Ah! Querem provar minha geleia, não é?

E com a costura que tinha na mão, deu um golpe na mesa, achatando sete moscas de uma vez! Orgulhoso de sua proeza, o alfaiate bordou em seu cinturão:

"Mato sete de um golpe só!"

Depois disso, resolveu sair pelo mundo, para mostrar a todos o quanto era valente. Guardou na mochila um pedaço de pão, uma bola de queijo e pegou a estrada. No caminho, encontrou um passarinho caído no chão, cansado de fugir de um gavião. Com pena do bichinho, o alfaiate o colocou na mochila, junto com o queijo, e continuou andando, muito alegre, até que, no alto de um morro, encontrou um gigante. Sem medo do grandalhão, o rapaz falou:

— Estou andando pelo mundo para mostrar como sou valente!

E apontou o bordado do cinto, lendo em voz alta:

— Mato sete de um golpe só!

O gigante ficou muito impressionado, pensando que o alfaiate havia matado sete homens com um golpe só. E para ter certeza de que o homenzinho não mentia, pegou no chão uma pedra e a esmagou com as mãos. O rapaz riu e disse:

— Ora, isso é moleza!

Tirou o queijo da sacola e também o esmagou, sem o menor esforço. O gigante, que era meio burrão, ficou admirado, mas quis se certificar de que não havia sido enganado. Então, pegou outra pedra, atirou-a para o ar, e ela quase alcançou uma nuvem.

O alfaiate, bem depressa, tirou da bolsa o passarinho, que já estava recuperado, e o jogou para o alto. Muito feliz por se ver livre, o pássaro, rápido como uma flecha, voou tão alto que atravessou a nuvem e desapareceu.

O gigante, mais impressionado ainda, convidou o alfaiate para dormir em sua casa. No meio da noite, porém, resolveu matar o rapaz e deu umas pauladas bem no meio da cama, no lugar onde ele deveria estar dormindo. Mas o alfaiate, esperto como era, tinha colocado sua mochila sob as cobertas e se ajeitado para dormir embaixo da cama.

De manhã, quando o gigante acordou, a primeira coisa que viu foi o alfaiate, na porta do quarto, de mãos na cintura, fazendo cara feia. Apavorado, saiu correndo, aos berros, perseguido pelo rapaz, que além de esperto, era mesmo corajoso.

Os soldados do palácio do rei ficaram muito espantados ao verem o terrível gigante fugindo de um homem tão pequenino e quando perguntaram ao alfaiate quem ele era, sua resposta foi apontar o cinto onde estava bordado:

"Mato sete de um golpe só"

Assombrados com a coragem do rapaz, os soldados acharam melhor levá-lo ao palácio, para que fosse apresentado ao rei. Todos ficaram admirados com as histórias contadas pelo alfaiate, que era mesmo muito bom para contar histórias, e o rei lhe perguntou se gostaria de trabalhar para ele.

O rapaz aceitou o convite e foi morar em uma bela casa, ao lado do palácio. De vez em quando era convidado para jantar no salão real e via de longe a princesa, uma moça muito bonita. Um dia o rei disse a Mata-Sete, que era como todos passaram a chamar o valente alfaiate:

— Tenho um trabalho para você. Neste reino há dois gigantes terríveis, que assustam todo o povo. Se você conseguir afugentar os dois, como fez com o outro gigante, eu lhe darei em paga metade do meu reino e, como prêmio, a mão da princesa em casamento.

Mata-Sete aceitou a tarefa e foi para a floresta, onde logo encontrou os dois gigantes, dormindo debaixo de uma árvore, de costas um para o outro. O rapaz encheu a mochila de pedras e subiu em uma árvore bem alta. Escondido pelas folhas, fez pontaria e atirou duas pedras na cabeça de um dos gigantes. O grandão acordou mal-humorado, deu um soco na cabeça do outro e gritou:

— Pára com isso!

O outro gigante, que tinha sido acordado pelo soco, reclamou:

—Parar com o quê? Eu não fiz nada! Você é que está me socando!

Depois de alguns resmungos, os dois voltaram a dormir. Quando viu os gigantes roncando, o alfaiate atirou outra pedra na cabeça do segundo gigante, que acordou furioso e se engalfinhou, aos socos, com o primeiro. A luta foi tão violenta que os dois acabaram morrendo ali mesmo.

Com os gigantes mortos, o alfaiate voltou ao palácio. Mas o rei havia se arrependido de ter prometido ao rapaz a mão de sua filha e metade de seu reino. Por isso lhe deu outro encargo: trazer o chifre mágico de um unicórnio selvagem, que vivia na floresta.

O unicórnio era um cavalo branco, com um único chifre na testa, muito perigoso para os que tentavam caçá-lo. Mas o que o rei desejava mesmo, era que o alfaiate fosse morto pelo unicórnio. Diante do novo desafio, o valente Mata-Sete respondeu:

— Isso será fácil para mim, majestade. Matei sete de um golpe só, expulsei um gigante malvado, acabei com dois gigantes cruéis e vou trazer o chifre desse unicórnio para o meu rei.

Depois de caminhar um bom tempo pela floresta, o alfaiate chegou a uma grande clareira, onde encontrou o unicórnio. O rapaz escolheu uma árvore bem grossa e chamou a atenção do animal, que avançou, galopando em sua direção. Corajosamente, ele esperou até o unicórnio chegar bem perto e, então, com um pulo ágil, se escondeu atrás da árvore. Na correria, o bicho não conseguiu parar a tempo e espetou o chifre no tronco, onde ficou preso.

Bem depressa, o alfaiate pegou uma serra que levava na mochila, serrou o chifre do unicórnio e, vitorioso, voltou ao palácio. O rei fingiu que estava muito satisfeito e convidou o alfaiate para ficar hospedado no palácio até o dia do casamento. Depois, chamou os soldados e ordenou:

— Esta noite, quando Mata-Sete estiver dormindo, entrem em seu quarto e o amarrem bem amarrado.

O rei planejava prender o rapaz em uma prisão escura, de onde não pudesse fugir. O que ele não sabia era que sua filha havia escutando tudo e, como gostava de Mata-Sete, contou ao rapaz o que seu pai planejava fazer. A princesa, chorando, pediu que ele fugisse para se salvar, mas o alfaiate, que também gostava da princesa e era mesmo muito corajoso, não aceitou fugir.

Depois de tranquilizar a moça, dizendo que sabia o que fazer, foi para o quarto e fingiu que estava dormindo. Na verdade, o alfaiate ficou bem acordado, escondido atrás da porta, à espera dos soldados. Quando ouviu seus passos no corredor, gritou, bem alto:

— Eu já matei sete com um golpe só! Afugentei um gigante! Matei outros dois! Cortei o chifre de um unicórnio! E agora, estou pensando o que vou fazer com esses fracotes que estão aí fora!

Os soldados, ao ouvirem isso, correram para contar ao rei. Com medo do valente Mata-Sete e sabendo que sua filha queria mesmo se casar com o rapaz, o rei achou melhor cumprir a palavra. Deu ao alfaiate a mão da princesa e a metade de seu reino como dote. Um prêmio merecido para o herói que matava sete de um golpe só!

Este texto é parte integrante da
Biblioteca Bilíngue de Literatura Infantil e Juvenil - Libras/Português
Acesse pelo site: www.bibliolibras.com.br

Direitos Autorais 2016 Copyright© Os textos das adaptações em Libras e Português da Biblioteca Bilíngue de Literatura Infantil e Juvenil – Libras/Português podem ser utilizados, reproduzidos e divulgados livremente, com citação da fonte.